

Sufixos *-ario*, *-eria*, *-eiro*: um trio de morfemas revisitados

RESUMO: Este estudo tem por foco palavras formadas com os morfemas *-ario*, *-eria*, *-eiro*, apreciando-os sob a perspectiva da relação com o passado com ênfase em suas modalidades no presente. A diacronia é chamada para explicação de certos fatos relacionados com origem e etimologia. A relação de parentesco entre as três formas é vista sob o prisma de um modelo sincrônico. Do trio apresentado redundam dois sufixos, *-ario* e *-eiro*; *-ario/a* com o substituto *-eria* em certos casos. A derivação, sincrônica por natureza, é um dos focos. Compreende dois níveis, lexical, em que se desenvolvem as modalidades desses sufixos, e o pós lexical, em que revela uma de suas propriedades: entram em dada derivação que abre as portas para o supletivo. A significação detém-se no binômio significado/sentido: o significado pode envolver um paradigma inteiro; o sentido, uma palavra só, fonte de sua proficiência.

Palavras-chave: Fonologia. Sufixo. Morfema. Derivação. Significação.

ABSTRACT: This study focuses on words formed with *-eria*, *-eiro*, appreciating them from the perspective of the relationship with the past with an emphasis on their modalities in the present. Diachrony is called to explain certain facts related to origin and etymology. The relationship between the three forms is analyzed from the perspective of a synchronous model. Two suffixes result from the presented trio: *-ario* and *-eiro*; *-ario/a* with the substitute *-eria* in certain cases. Derivation, synchronic by nature, is one of the focuses. It comprises two levels, lexical in which the modalities of these suffixes are developed and the post-lexical in which they can constitute a derivation that opens the doors to the suppletive. The significance is analyzed through the binomial meaning and sense: meaning can involve an entire paradigm; sense, one word, source of its own proficiency.

Keywords: Phonology, Suffix. Morpheme. Derivation. Significance.

1-Introdução

Tema de múltiplos estudos, dissertação, artigo, periódico, presença em gramáticas, fiquemos com as seguintes referências: Joaquim Nunes (1951, p. 40), referindo-se a *-eiro*, diz: “Esse sufixo só ou acompanhado de *-ariu* que no latim gozava de alta fecundidade, em português ambos são muito frequentes”. Said Ali (1964) distingue-os quanto à significação. Gonçalves; Costa; Yacovengo; (1998) classificam as funções agentivas do sufixo *-eiro* em [+ concreta] e [- concreta], ao fim dizendo que “no momento, pode-se refletir sobre uma possível abstratização de sentido de *x-eiro*, tomando por base uma espécie de espraiamento metafórico.” Condé (2000) detém-se nos sufixos *-aria* /*-eria* no galego e no asturiano em contraste com o português. Consta que *-aria* predomina no português e que *-eria* é majoritário nas línguas românicas. Viaro (2008)

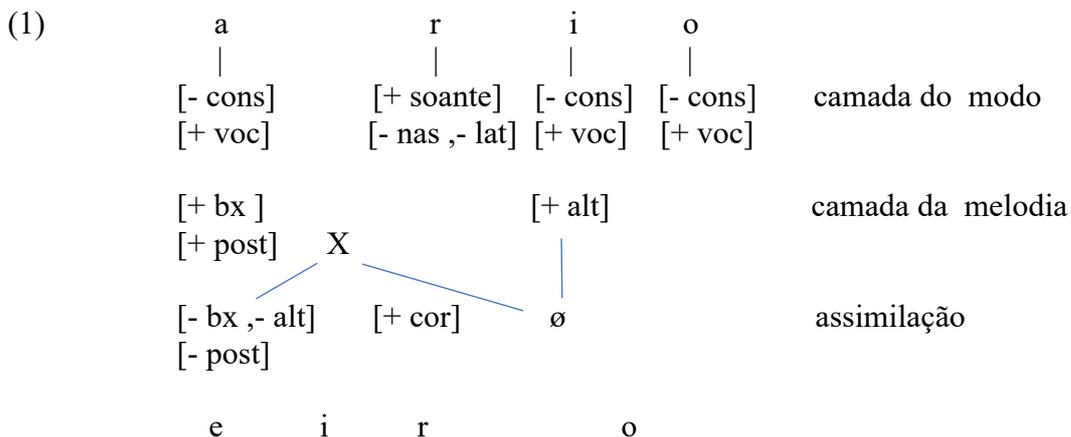
trata -ario e -eiro como morfemas divergentes sob o prisma da história com projeção na sincronia. Viaro (2007, p. 5) advoga a ideia seguinte: “Estudos que envolvem diacronia, tipologia textual são indispensáveis a fim de evitar soluções *ad hoc*.”

2- Análise

A análise, basicamente fundamentada em modelos sincrônicos, desenvolve-se em três tópicos: a) formação, o passado; b) derivação, papel que desempenham na gramática sincrônica; c) significação, visão semântica diretamente relacionada à proficiência de -*airo* e -*eiro*. Nessa abordagem, a análise fundamenta-se em Clements (1989), Clements and Hume (1995), regida por princípios quanto a regras, representação arbórea ou *tiers*: (i) linhas de espraiamento de traços não podem cruzar linhas de associação; (ii) princípio do contorno obrigatório: sequência de segmentos idênticos é proibida; (iii) restrição de ligação: regras devem ser interpretadas exaustivamente, ou seja, regra de uma só linha de associação é bloqueada em contexto de duas ou mais linhas e vice-versa. Quanto à derivação, a análise fundamenta-se na teoria lexical, Kiparsky (1982, 1985). Essa proposta dá ênfase ao léxico, considerando dois níveis de derivação: lexical e pós-lexical, em que regras fonológicas são ordenadas, abrindo o caminho do ciclo. Quanto à significação, trabalha-se com o binômio: significado /sentido.

2.1 Formação

Com fundamentos na proposta de Clements and Hume (1995), a análise compreende dois *tiers*, aqui denominados *camadas*: camada do modo e camada do lugar, propriamente, camada da melodia.



Fonte: Bisol (1989, p. 190)

A vogal alta muda de lugar sem cruzar linhas de associação. No início da camada da melodia, quando as vogais têm prioridade de aplicação, a vogal alta movimenta-se em direção à vogal inicial, situando-se a seu lado, sem encontrar obstáculos. Neste ponto, a vogal alta, favorecida pela vizinhança com a vogal baixa, expande seus traços, convertendo-a em vogal média. A posição vazia é automaticamente apagada, Eis -eiro como produto de espraiamento da vogal alta. O sufixo -eria, que surgiu no francês com

base em -ario, somente altera a vogal inicial. As três formas difundiram-se para as línguas românicas. Por conseguinte, o sufixo -ario é o cabeça da trilha: -ario, -eria, -eiro.

Antes de dar prosseguimento à análise sincrônica, principal enfoque deste estudo, nossa atenção volta-se para informações de ordem diacrônica, relativas à formação. Os sufixos -ario e -eiro no português provêm dos nominativos latinos (masculino *-arius* e neutro *-arium*), e -eria deriva da forma do feminino em francês *-erie*, alternando em alguns casos com -aria, como em *charcuteria* ~ *charcutaria*; *vozeria* ~ *vozeria*. As palavras terminadas em -ária têm tríplice origem: nominativo/acusativo plural neutro e formas geradas em português provindas do masculino -ário, que são raras no português (VIARO, 2011, p.122).

Na evolução das línguas românicas, houve uma mudança regular do sufixo latino -ĀRIU(s), em palavras como *perariu*, *denariu*, *januariu*. Tornou-se -áio (algumas vezes -aro) em italiano (*operaio*, *denaro*, *gennaio*); desenvolveu-se (via -airo), para o português, como -eiro (obreiro, dinheiro, janeiro) e, para o espanhol, como -ero (*obrero*, *denaro*, *enero*); enquanto no francês (*ouvrier*, *denier*, *janvier*), o resultado foi -ier (feminino *-ière*) (BOYD-BOWMAN, 1980, p. 18).

O sufixo latino *-ariu* permaneceu produtivo nas línguas romanas com inúmeras palavras. Muitas dessas palavras pertencem a dois campos lexicais: lugar para X (aquário), e pessoa que trabalha com X (boticário). No italiano moderno, palavras com a forma -ario, como, *ordinario*, *calendario*, por exemplo, são todas cultismos. No francês moderno, transformou-se principalmente para adjetivos, como em *linéaire*, *solaire*, *ordinaire*, entre outros exemplos (ALKIRE; ROSEN, 2010, p 71; 87).

Certos nomes do latim em -ariu passaram para o português com a forma -eiro: primeiro (*primariu*), celeiro (*cellariu*), dinheiro (*denariu*), ribeiro (*ripariu*), etc. A evolução foi naturalmente na seguinte direção: -ariu > -airo > -eiro. Contudo, não há documentação de **primairo* e **dinhairo* segundo Said Ali (1964). A influência erudita também fez ressurgir novos vocábulos no português moderno, segundo a norma latina, como argentário, monetário, mostruário, aviário, funcionário, horário, fracionário, etc.. (SAID ALI, 1964, p.241).

“A lista de nomes de origem erudita é extensa, assim como a série de palavras que se formam com a terminação -eiro; notam-se, entretanto, poucos casos de formas paralelas como operário e obreiro, ovário e oveiro, solitário e solteiro.” (SAID ALI, 1964, p. 241).

O sufixo -ario ocorre em português já no século IX em uma única palavra aportuguesada do latim (*antiphonarium* - antifonário), revelando o caráter erudito de sua forma. “Do século XII até hoje sobreviveram outras duas palavras com o mesmo comportamento, breviário e denário (...)” (VIARO, 2011, p. 143). No português contemporâneo, os vocábulos mais comuns seriam, dentre outros, balneário, usuário (latim); cenário, vestuário (latim tardio); anuário, estagiário (francês); empresário (italiano); comunitário (português). (*op. cit.*, p.147).

Segundo Viaro (*op. cit.* p.143), -ario corresponde a quase a metade do número de verbetes de -eiro no *corpus* do dicionário Houais & Villal (2001). Apesar dessa diferença,

os dois sufixos têm uma relação crescente de palavras criadas ao longo dos séculos, conforme indicam os registros em dicionários. Contudo, comparando-se a frequência típica de uso dos sufixos -ario e -eiro no Google, o autor chama a atenção para um dado curioso de que as palavras mais antigas são as mais utilizadas, revelando um “fato conhecido de que palavras arcaicas não são citadas em dicionários modernos, ao passo que muitas palavras modernas aparecem como verbetes, apesar de seu pouco uso” (*op. cit.*, p. 149)

A terminação -eria, aparece em apenas em cinco verbetes no Dicionário Medieval e Cronológico do Português da Casa Ruy Barbosa no século XV (arteria - “manha, astúcia, saudade”; desinteria; messageria ~ mesejaria - “mensagem”; parceria > parçaria; saberia > sabeya - “sabedoria”). O sufixo -eiro tem por base o nome. Contudo, na palavra *parceria*, o sufixo é -ia e não -eria (parceiro + ia do latim imperial *partarius*).

Um levantamento realizado no Vocabulário Eletrônico Histórico-Cronológico do Português Medieval da Fundação Casa de Rui Barbosa de Antônio Geraldo da Cunha (2003) indica a existência de 101 verbetes com a terminação -eria. No dicionário_Aurélio eletrônico (versão 5.0, ano 2004), há 116 verbetes com o a terminação -eria, sendo 89 verbos (abateria, haveria, etc.) e apenas cinco verbetes substantivos têm o sufixo -eria (desideria - disenteria - século XV; enfermeria - enfermária – século XIII; mercaderia - mercadoria; romeria - romaria – século XIII, tesoureria - tesouraria – século XIII). O sufixo -eiro tem por base o nome.

O número de formas com -eria decresce para 77 verbetes substantivos femininos na versão do dicionário Houaiss de 2009. As palavras enfermeria, romeria, tesouseria desaparecem da versão desse dicionário em relação ao Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval e passam a ser registradas com o sufixo -aria (enfermária, romaria, tesouraria), assim como outras palavras que alternam -eria /-aria (joalheria/joalharia; bijuteria/bijutaria). Algumas dessas formas aparecem também, variavelmente, com outros sufixos bisbilhotice; coquetismo; danceteria, gaucheria – gauchada – gauchagem - gauchismo.

Na relação de -eria com -ario, o sufixo -ario é o predominante no português. Todavia algumas preferências por -eria se fazem notar a exemplo de bilheteria, doceria, loteria, sorveteria, vozeria, dando sinais de possível distribuição complementar, que talvez venha a se concretizar ou não, mas, em nossos dias, ainda ocorrem casos como perfume/ perfumaria, veste/ vestiário. Assim sendo, -aria e -eria, que têm a mesma significação, continuam a funcionar como substitutos tal como em gramáticas sincrônicas do passado. Em português, em que -ario/a é o predominante, a substituição somente ocorre na direção de -eria para -aria e não vice-versa, tal como nos exemplos citados no dicionário eletrônico de Houaiss.

Palavras podem cair no desuso, assim como novas palavras podem surgir, dada a criatividade da língua decantada por Chomsky (1965). Em jornal de nossos dias, duas palavras chamaram nossa atenção: gadeiro e carrinho, cada qual em texto de autor diferente. Nem uma nem outra consta no dicionário eletrônico de Houaiss. A primeira, referente aos que lidam com gado, emerge na expressão elite gadeira em tempos da revolução de 1930; a segunda, a catadores que puxam carrinhos entulhados de pedaços de papelão, plástico, sacolas penduradas, comum em nossos tempos. Ambas dizem respeito a classes sociais opostas cujo uso está relacionado com a cronologia histórico-social.

2.2 Derivação

A derivação fundamenta-se na teoria lexical (1982, 1985) que tem por pressuposto que as regras fonológicas são ordenadas, proporcionando a formação do ciclo, gerador de palavras derivadas. Em casos de a derivação produzir mais de uma palavra, a entrada de novo sufixo tem de satisfazer a seguinte condição: o sufixo precedente deve fazer parte do contexto de inserção do sufixo seguinte, a exemplo de rosa + eira + al → roseiral, processo do qual resultam duas palavras derivadas com suas propriedades estabelecidas, principalmente, sílabas e acento. Se a palavra base for temática, essa vogal, VT (vogal temática), é apagada, como no exemplo citado; se for atemática terminada em consoante, essa passa para a posição de ataque da sílaba seguinte, açúcar /açucareiro; se for atemática terminada em vogal acentuada, entra /z/ como epêntese: abacaxi/abacaxizeiro, café/cafezeiro, caju/cajuzeiro. Não faltam casos de outra epêntese consonantal como /l/ e /t/: chá/chaleira, erva/ervateiro.

(2) Derivação em nível lexical

/sapato+aria/	estrutura subjacente
sapato	ciclo 1
sa.pa.to	silabificação
sa.pá.to	acento
sa.pa.t(o) + aria	ciclo2
sa.pa.taria	adjunção do sufixo, c/apg da VT
sa.pa.ta.ri.a	silabif. dos segmentos soltos
sa.pa.ta.rí.a	acento
[sa.pa.ta.rí.ɐ]	neutralização da vogal média e leve centralização da vogal baixa.

No primeiro ciclo, atuam duas regras fonológicas, silabificação e acento, O acento desaparece na passagem do ciclo, retornando no ciclo seguinte como regra cíclica; a silabificação ,que não é cíclica, está sempre disponível para silabificar segmentos soltos.

Passemos à análise do trio: -ario com seu comparsa -eria e o sufixo -eiro.

(3) (a) sumario	(b) doseria	(c) doseiro	
suma	dose	dose	ciclo 1
su.ma	do.se.	do.se	silabificação
sú.ma	dó.se	dó.se	acento
su.ma+ario	do.se + ario	do.se + eiro	ciclo 2
su.mario	do.seria	do.seiro	adjunção com apg da VT
su.ma.ri.o	do.se.ri.a	do.sej.ro	silabificação
su.má.ri.o	do.se.rí.a	do.séj.ro.	acento
su.má.ri.u	do.se.ri.ɐ	do.séj.ru	neutr. da média final e leve centralização da V /a/

O hiato em (a) fica disponível para formação do ditongo crescente, pois esse provém do hiato, enquanto o ditongo decrescente ocorre automaticamente no processo de formação de sílabas, segundo Camara Jr. (1970). Esses sufixos são independentes na produção de palavras. Nem um nem outro pode fazer parte do mesmo processo derivativo. Embora doceria e doceiro tenham a mesma base, doceria não dá margem à entrada de -eiro e vice-versa. A derivação pode prosseguir somente se o sufixo seguinte for de outra categoria, fato pontificado em páginas precedentes: rosa + eira + al, roseiral, parra/parreira/ parreiral.

Gênero e número não são propriedades do sufixo mas projeção da base, a exemplo de lei tributária, imposto tributário, assim como o plural, os esmoleiros, o esmoleiro, embora correspondam a diferentes étimos, referidos por Viaro (2010). O acento em português, em linha gerais, incide na segunda sílaba da direita para esquerda em palavras temáticas; em atermáticas, na sílaba final. Há palavras com acento na terceira sílaba e detalhes que aqui não cabem.¹

Esses sufixos têm uma propriedade que merece destaque: ajustam-se ao que se denomina supletivo. Há diferentes tipos de supletivo. Aqui se trata de uma forma utilizada para completar um paradigma formado de substantivos a que se anexa o sufixo -mente, formando uma palavra adverbial. A seguir, a parte final da derivação ocorre quando o nome está pronto e entra o sufixo -mente:

2.3 Pós-léxico

- (4) su.ma.rio + mente
su.mariamente adjunção e substituição da VT da base por /a/
su.ma.rja.men.te silabificação dos segmentos soltos
su.ma.rja.mén.te acento

Resultado: su.ma.rja.mén.te, uma forma adverbial

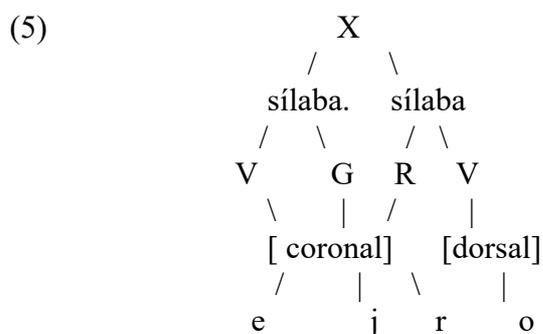
Note-se que o sufixo *-mente*, que atua somente em nível pós-lexical, localiza-se ao final de palavra pronta, exigindo a precedência da vogal /a/, isto é, neutralizando a vogal temática da base em favor da vogal baixa, assim formando sua própria base com vistas a produzir uma palavra adverbial. Não faltam exemplos tanto com *-ario* quanto com *-eiro*, primeiro /primeiramente, temporário/ temporariamente. A única demanda diz respeito à base do processo derivativo que deve ser um substantivo [-concreto].

O sufixo *-eiro*, por sua vez, figura com variação, provavelmente em razão do *status* flutuante da vogal alta no processo de formação. Talvez também se deva à vizinhança com Uruguai, Argentina, Paraguai, países de idioma espanhol, em que o sufixo é *-ero* a exemplo de *casero*, *compañero*, *sapatero*. Exemplos não faltam: *cabeleiro* ~ *cabelero*, *cerejeira* ~ *cerejera*, *jardineiro* ~ *jardinero*. Inevitavelmente isso tem relação com a natureza dos traços fonológicos dos segmentos que compõem os morfemas, como vemos a seguir.

Os segmentos são definidos por traços que têm uma estrutura interna, segundo Clements (1985), representada por duas camadas: modo e melodia, em páginas precedentes referidas. Não se trata de simples traços de associação, mas da natureza dos traços. Assim sendo, a sequência de três segmentos *-eir-* é definida por traços de melodia,

¹ Sobre acento, ver Bisol (1992), Lee (1997) Wetzels (2006) e Magalhães (2016).

isto é, de lugar, que têm a mesma estrutura interna: os três segmentos em sequência são coronais. Note-se que, diferentemente de Chomsky and Halle (1968), Clements (1985) propõe os mesmos traços de lugar para consoantes e vogais. As vogais, segmentos de maior sonoridade, têm ademais o traço de abertura, definido em três graus, em substituição do traço de altura. No caso em estudo, não se trata de traços de abertura mas de lugar, em que reside o que queremos por em relevo. Optamos, pois, por uma representação arbórea simplificada que contém apenas os traços de lugar:



Com a exceção do último segmento com um só linha de associação, os demais constituem, por natureza, uma tríplice aliança com o traço coronal que extrapola o nível da sílaba, criando certa complexidade. Sendo o glide o segmento mais frágil, tende a flutuar, dando margens à variação: -ejro ~ -ero. Por conseguinte, a natureza em comum dos três segmentos, dos quais o terceiro faz parte da sílaba seguinte, forma uma estrutura pesada que favorece a simplificação.

O sufixo -ario/a, por sua vez, não figura com variação, porém conta com duas realizações da vogal alta: vogal alta propriamente dita e glide, posições fixas, dependentes do acento, a exemplo de portaria e sumár[j]o. Sendo glide, constitui um ditongo crescente que dispõe de duas realizações: hiato e ditongo. Esse daquele deriva, conforme foi citado em páginas precedentes. Ambas as opções são persistentes. O sufixo -ario/a desconhece apagamento do glide.

Até esse ponto, a divisão da palavra em morfemas não encontrou obstáculos. Isso levou-nos a perscrutar palavras que entraram prontas no português, advindas do latim ou de línguas neolatinas. Algumas são indivisíveis, como mosteiro, morada de monges, que se formou no latim vulgar a partir de *monasterium*; canário, pássaro das Ilhas Canárias, palavra proveniente do latim *canariae insulae*; precário do latim *precarium* e muitas outras; do francês veio *galerie*, galeria em português, todas morfologicamente inseparáveis. Por outro lado, há palavras que entraram prontas disponíveis para a segmentação morfológica com pequenos ajustes da palavra base: *bijouterie*, fr. / bijuteria, pt, biju + t + eria, em que /t/, epêntese consonantal, exerce a função de evitar o hiato, assim como *crochet* fr, / crochê, pt, *crocheteira*, *tricot*, fr. /tricô, pt. tricoteira;

Algumas palavras com a sequência *eir*, segmentáveis sincronicamente em base + sufixo -eiro, nem sempre são portadoras do sufixo -eiro, segundo um critério etimológico, como é o caso de cadeira (*cathedra* no latim) e de inteiro (*interger*, no latim), dentre outros casos. Apesar de as bases das palavras serem reconhecíveis por estarem presentes no estágio atual da língua, faz-se necessária uma explicação diacrônica, segundo Viaro (2007, p. 9). É possível reconhecê-las apenas pela forma na forma latina -*ariu* (*s, um*). Da mesma forma, em outra situação, como na palavra *barreira*, segmentada em *barra*, não se pode desconsiderar de que há *barrière* em francês, o que sugere que a forma *barreira* tenha sido formada no latim vulgar de **barrariam*. Um outro exemplo, é a

palavra *carreira* que não vem derivada em português de *carro* + *eria*, mas sim do latim vulgar **carraria*. “Somente com uma grande abstração o falante pensaria ‘carreira’ no sentido locativo ‘local’, onde passam carros (de boi)’” (VIARO, 2007, p.9). Já as palavras *janeiro* (> *januarium*), *maneira* (> *manuariam*), *ligeiro* (**levarium* > francês > *léger* > *ligeiro*), *Ribeiro* (> *riparium*), *solteiro* (> *solitarium*), dentre outras tantas, têm, em seu étimo, o sufixo latino.

Em síntese, dados do passado revelam que os sufixos *-ario*, *-eria*, *-eiro* da Língua Portuguesa provêm da forma latina *-arius* (a, um) desde os primeiros textos em galego-português (TEYSSIER, 1997). Com os passar dos tempos, *-airo*, a forma erudita, mantém-se na Língua, seguindo a norma latina, com um leve crescimento ao longo dos séculos, sendo *-eiro* o que apresenta mais ocorrências de verbetes nos dicionários do português atual e o mais produtivo em termos de frequência e em diferentes tipos de palavras. Em contrapartida, o sufixo *-eria* restringe-se seu aparecimento ao menor número de palavras ao longo dos tempos, sendo utilizado geralmente em palavras de origem francesa.

Retornando à sincrônia, há sufixos que podem ocupar diferentes posições na palavra em derivações complexas, formadoras de mais de uma palavra, entre esses figuram *-ario* e *-eiro*. Em (6a) e (6b) ocupam a segunda posição no processo derivativo e em (6c) e (6d), uma palavra os precede:

<p>Sufixo-<i>eiro</i></p> <p>(6a)</p> <p>manga/mangueira/mangueiral espada, espadeira/espadeirada parra/parreira/parreiral</p>	<p>sufixo <i>-ário</i></p> <p>(6b)</p> <p>empresa/empresário/empresarial primo/primário/primariamente dia/diário/diarista</p>
<p>(6c)</p> <p>água/aguaça/aguaceiro chuva/chuvisco/chuvisqueiro lama/lamaça/lamaceiro</p>	<p>(6d)</p> <p>fraga/fragmento/fragmentário disco/discoteca/discotecário veste/vestido/vestiário</p>

A palavra *vestiário* de origem latina entrou pronta em português com pequenos ajustes, mas passível da segmentação morfológica como outras já citadas. Note-se que essa prontidão para ocupar diferentes posições na palavra favorece a proficiência desses sufixos que, assim como *-dade/ -idade*, figuram entre os sufixos mais produtivos do português.²

Ao finalizar essa parte, retomamos uma observação que já tem sido feita: a incidência do sufixo *-ia* com e o sufixo *-aria*: o primeiro, com base em verbo, *uma gritaria*, gritar + *ia*, *uma correria*, correr + *ia*; o segundo, com base em nome, *pedraria*, pedra + *aria*, *tabaco*, tabaco + *aria*, portanto, facilmente discerníveis via estrutura subjacente.

² Sobre *dade/idade*, ver Bisol (2020).

3- Significação

A significação é analisada sob o prisma do binômio, significado/sentido. O significado é elástico, pois envolve todas as palavras de um paradigma, o sentido é específico de cada palavra, firmando-se como condutor da produtividade³.

(7a) Paradigma	(7b) Palavra com -ario	(7c) Palavra com -eiro
doce, doceria, doceiro	cena, cenário	chave, chaveiro
ferro, ferraria, ferreiro	lenda, lendário	cova, coveiro
peixe, peixaria, peixeiro	tributo, tributário	pião, pioneiro

Em (7a), as duas palavras derivadas estão em relação com a mesma base, comum em todo processo derivativo, seja qual for o sufixo, mas cada palavra, na conjectura base e sufixo, tem o seu sentido: doceria, local de fazer e vender doces; doceiro, aquele que faz e/ou vende doces. No caso de uma só palavra derivada, (7b, 7c) essa é portadora de ambos: relaciona-se com a base e especifica o sentido: cenário, relativo à base, especificado em cena de teatro ou de um acontecimento; chaveiro, relativo à chave, especificado como um conjunto de chaves; lendário, relativo à lenda, especificado como conjunto de lendas. Há casos de um só sufixo com os dois valores, como *templário*, templo ou igreja; *templário*, cavaleiro de ordem militar medieval, a exemplo de *O bisavô de Pedro era templário*; pedreiro, construtor que opera com pedras, estendendo-se a construções de madeira, tijolos e telhas; rosa, roseira, flor e planta, estendendo-se a rosário, um conjunto de contas representando oração, cujos morfemas são identificáveis: rosa + ario. Tantos são os sentidos quantas são as palavras afeitas a esses sufixos. Isso contribui para a proficiência desses sufixos.

Com a crença de que a meta desse estudo tenha sido devidamente explicitada e trazido sua contribuição diante de tantas outras sobre esses sufixos, finalizamos este texto sumariado a seguir:

Sumário

Os sufixos *-ario -eria -eiro*, com laços de parentesco quanto à origem, estão registrados no léxico. Na gramática, dois são os sufixos ario -eiro, que funcionam como sufixos independentes quanto à produção de palavras, e eria/ario como substitutos. Realizam-se plenamente em derivação de nível lexical com a liberdade de ocupar qualquer posição na palavra, dentro da área sufixal, figurando entre os sufixos mais produtivos do português. No pós-léxico, revelam uma de suas propriedades: ajustam-se à derivação com supletivo. Quanto à significação analisada sob o prisma significado/sentido, foi constatado que o significado estende-se a um paradigma inteiro, incluindo casos de analogia, enquanto o sentido nasce da relação entre palavra-base e sufixo da qual provém a proficiência dos sufixos *ario* e *eiro*. No desenvolvimento do texto, a diacronia teve seu papel.

³ Sobre significação, ver Viaro (2008.)

Referências

- ALKIRE, Ti; ROSEN, Carol. **Romance Language: a historical introduction**. Cambridge: University Press, 2010.
- BISOL, Leda. O acento e o pé binário. **Cadernos de Estudos linguísticos**. Campinas, n.2, p. 69-80, 1992.
- _____. Retrospectiva. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **DELTA**, v. 5, n. 2, p.185-224, 1989.
- _____. Sufixos de duas faces. **Revista eletrônica da Abralín**, São Paulo, 2020.
- BOYD-BOWMAN, Peter. **From latim to romances in sound charts**. Georgetown University, 1980.
- CAMARA, Jr. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**, Petrópolis, Editora Vozes, 1970.
- CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT, Press 1965.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Moris. **The sound Patern of English**. New York: Harper and Row, 1968.
- CLEMENTS, George, N. A unified set of features for consonants and vowels. Corner University, 1989 Elisabeth . The internal of organization of speech sounds. In: Goldsmith. J. (org). **The handbook of phonological Theory**. London: Blackwell,1995.
- CONDÉ, Valeria Gil. Estudo com -ario e eria nas línguas Galego e Austeriana em contraste com a língua portuguesa. **Caligrama**, Belo Horizonte, 2000.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Vocabulário eletrônico histórico-cronológico do português medieval 1.0**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, CD-ROM, 2003.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico**, versão 3.0, São Paulo: Objetiva, CD-ROM, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (versão eletrônica 5.0)**, 3ª. edição, 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, Regis Ltda, 2004.
- GOLDSMITH, John. **Autosegmental Phonology**. PHD; MIT Press, 1976.
- GONÇALVES, Carlos A., Yacovengo L.C., Costa, R. Condições de produtividade e condições de produção: uma análise das formas x-eiro no português do Brasil. **ALFA**, São Paulo,1998
- KIPARSKY, Paul. From cyclic phonology to lexical phonology. In: Hulst , Harry van der. **The structure of phonlogical representation**. Dordrecht : Foris, p.131-176, 1982.

_____. Some consequences of lexical phonology. In: **Phonology Yearbook** , v. 2, p. 85-138, 1985.

LEE, Seung-Hua. O acento primário no português brasileiro. **Revista de Estudos Linguísticos**, v.6, n.2 p. 5-30. Belo Horizonte,1997.

MAGALHÃES, José. Main Stress and secondary stress in Brazilian and European Portuguese. In: WETZEL, Leo.; MENUZZI, Sergio.; COSTA, João .**The Handbook of Portuguese Linguistics**. Wiley Blackwell, Oxford, 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia**. São Paulo: Contexto, 2001.

NUNES, Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 5ª edição, Imprensa Portuguesa, Porto, 1951.

SAID ALI, Manuel. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. ed. rev. e atual. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIARO, Mario, E. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos -eiro/eira na língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis. et alii (orgs.) **Trilhas de Matoso e outras trilhas, fonologia, morfologia e sintaxe**. Cultura Acadêmica, São Paulo. 2007.

_____. Sufixos -eiro e ário: história de morfemas divergentes. LIMA, Hernades; M.C.; MRCELO,M.J.;MICHETTI,G. V.C.,(Org.). **A Língua Portuguesa no Mundo, I** Seminario no mundo de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo, FFLCH VSP, 2000. v.2, CD-ROM, 2008.

WETZELS, Leo. Primary word stress. In: Brazilian Portuguese and the weight parameter. **Journal of Portuguese Linguistics** 5, 6.p. 59-90, 2006.